



EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS PARA O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL E ESCRITA COM ALUNOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL: RELATOS DE PROFESSAS DA ESCOLA PÚBLICA FRENTE AO SEU FAZER DOCENTE

Elianay Wilkerson da Silva Pereira¹
Luciano Tadeu Corrêa Medeiros²

RESUMO

O trabalho trata das práticas pedagógicas aplicadas por professoras da Educação infantil para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita. O objetivo é analisar como essas linguagens podem ser propostas na educação infantil, a partir do alinhamento teórico dos docentes dessa etapa de ensino da Educação Básica. O trabalho foi desenvolvido a partir de uma abordagem qualitativa e contou com uma pesquisa bibliográfica que contribui com a fundamentação teórica do trabalho. Também foram utilizados relatos de professoras atuantes a Educação Infantil, que se encontram lotadas em escolas da rede pública de Belém/Pará, que foram possibilitados através de palestras realizadas durante aulas do componente curricular Linguagem Oral e Escrita, no quinto semestre do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará (UFPA), no ano de 2019. Os resultados indicam que há inúmeras possibilidades que se encontram fora do padrão convencional adotado pelas escolas para a apropriação da linguagem oral e escrita pelas crianças da Educação Infantil, além disso, indicam que a corrente teórica das professoras se mostra imprescindível para o desenvolvimento dessas linguagens, que são elementos importantes para o desenvolvimento dos sujeitos, sua emancipação e autonomia.

Palavras-chave: Educação Infantil, Desenvolvimento, Práticas pedagógicas, Linguagem Oral e Escrita, Teoria Educacional.

INTRODUÇÃO

A linguagem oral e escrita na educação infantil são processos essenciais para o desenvolvimento da criança, haja vista que essas linguagens se constituem partes fundamentais para o desenvolvimento e para a formação de qualquer indivíduo, devendo, portanto, serem instigados continuamente durante a infância (SILVA *et al*, 2016), sendo fundamental seu estímulo no primeiro contato com a Educação escolar, pois este momento deve priorizar o aperfeiçoamento do uso habitual dessas linguagens, pois a criança precisa aprender a organizar seu pensamento e sua fala (CHAER; GUIMARÃES, 2012). Segundo Andrade (2011) é necessário que ambas as linguagens – oral e escrita – sejam tratadas pelos professores com equidade e profunda responsabilidade pelos profissionais da educação, no intuito de evitar

¹ Graduando do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará – UFPA, wilkersonadm211189@gmail.com;

² Graduando do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará – UFPA, lucianomedeiros2602@gmail.com.



dissonâncias e consequentes distanciamentos entre elas, garantindo aos alunos uma efetiva assimilação dessas formas de se comunicar e suas construções. Para o autor a linguagem oral e escrita são manifestações da língua verbal que:

não devem ser vistas de forma dicotômica, mas fazendo parte de um *continuum* tipológico que vai do texto mais formal ao mais informal, tendo como perspectiva o gênero discursivo (conversação, carta familiar, entrevista de televisão, relatório, conferência, artigo de divulgação, artigo científico) que está sendo observado. [...] Desse modo, os usos da língua merecem um olhar significativo por parte dos estudiosos e profissionais que trabalham em educação [...]. (ANDRADE, 2011, p. 50).

Este trabalho foi elaborado como relatório para o cumprimento de requisito avaliativo da disciplina Linguagem Oral e Escrita no 5º semestre do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Pará (UFPA). Seu objetivo é discutir sobre práticas pedagógicas aplicadas em situações cotidianas vividas por professoras da Escola pública visando desenvolver a linguagem oral e escrita de seus alunos.

Nele são discutidas e analisadas algumas observações desenvolvidas com base em experiências vivenciadas por professoras da educação infantil, que foram relatadas à turma do curso de pedagogia, e que se referem a suas práticas pedagógicas, tais relatos, desenvolveram-se através de rodas de conversa durante as aulas, e os mesmos foram feitos com ênfase no tratamento que as docentes propõem para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita com seus alunos na Educação Infantil, o que impacta diretamente na construção do saber desses alunos que se encontram no início de sua vida escolar (SILVA *et al*, 2016), as implicações decorrentes da compreensão dos significados, das informações produzidas por essas linguagens, obtidas a partir do processo de ensino por parte das docentes visando o desenvolvimento desses sujeitos (CHAER; GUIMARÃES, 2012), com isso, foi possível traçar resultados com base em reflexões críticas e coerentes no tocante às análises.

Convém considerar que trabalhos desenvolvidos dentro desse tema, contribuem com a ampliação de discussões importantes e pertinentes no tocante a Linguagem Oral e Escrita, visto que essas linguagens são imprescindíveis para o desenvolvimento dos sujeitos, principalmente àquilo que se refere a crianças no início de sua vida escolar, cujo desenvolvimento também está a cargo da escola (CHAER; GUIMARÃES, 2012; SILVA *et al*, 2016), e experiências narradas por docentes que já se encontram envolvidas com essas práticas em seus fazeres cotidianos, são primordiais na construção de conhecimentos relacionados a essa temática.

CAMINHOS METODOLÓGICOS



O presente trabalho foi desenvolvido a partir de uma abordagem qualitativa que contou inicialmente com uma pesquisa bibliográfica para o levantamento de trabalhos de autores que versam sobre o tema Linguagem Oral e Escrita. Sua elaboração também contou com observações do relato de professoras da Educação infantil de Escolas Públicas da esfera Federal no primeiro momento e municipal no segundo momento. As escolas onde as professoras desenvolvem seu trabalho docente estão localizadas na área urbana da cidade de Belém, capital do Estado do Pará, no Norte do Brasil.

Os relatos aconteceram durante as aulas do componente curricular Linguagem oral e Escrita do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará (UFPA) no ano de 2019, onde, durante as aulas, as professoras foram convidadas pelo docente que ministrou a disciplina, para palestrarem sobre suas experiências com o desenvolvimento da linguagem oral e escrita, que as mesmas propunham para seus alunos das turmas de educação Infantil da qual as duas eram professoras. Todos os participantes das palestras – professoras convidadas, discentes de pedagogia e professor da turma de pedagogia – estiveram presentes fisicamente no espaço da sala de aula, de modo a facilitar o desenvolvimento de um diálogo e permitir a troca de experiências vivenciadas pelas docentes.

As discussões e experiências compartilhadas em sala de aula resultaram em registros importantes para a formulação de dados, os quais posteriormente foram organizados no intuito de elencar as informações para se desenvolver este relatório analítico-crítico, associando a ele os fundamentos teóricos trabalhados durante as aulas expositivas da disciplina em questão. Convém considerar que durante a explanação das docentes da Educação Infantil, valorizou-se a fala de cada uma delas, que, sempre aplicadas a contextos e realidades diversas, que traziam para a discussão situações distintas que produziam nos alunos do curso de pedagogia mais aprendizados. Com base nas narrativas, foram elaboradas opiniões, que trazem como fundamentação teórica os pressupostos de autores que trabalham o tema linguagem oral e Escrita, construídas a partir das perspectivas apresentadas pelas docentes e também pela reflexão de caráter pessoal dos autores, possibilitadas pelo envolvimento destes com os relatos das docentes que foram apresentados durante cada encontro pedagógico em sala de aula.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na tentativa de proporcionar um melhor entendimento sobre o desenvolvimento das observações e diálogos com as docentes que foram convidadas para palestrar para a turma de



alunos do curso de pedagogia, consideramos importante identificar as docentes e suas respectivas escolas. Sintetizamos essas informações no quadro 1, a seguir.

QUADRO 1 - IDENTIFICAÇÃO DAS DOCENTES E SUAS RESPECTIVAS ESCOLAS

Escola	Professora
Esfera pública Federal	A
	B
Esfera pública municipal	C

Fonte: Elaborado pelos autores.

A primeira exposição sobre o desenvolvimento da linguagem oral e escrita das experiências pedagógicas das professoras na educação infantil foi realizada em conjunto pelas professoras “A” e pela professora “B”, ambas docentes de uma Escola Pública Federal, localizada no bairro da Terra Firme, no subúrbio de Belém, um local que apresenta carência de políticas públicas voltadas para o desenvolvimento urbano e social da cidade e que, portanto, encontra inúmeras dificuldades estruturais, o que destacamos, para compreensão do cenário onde se localiza a escola onde foram vivenciadas as experiências relatadas. Na ocasião, as professoras também mostraram para a turma alguns materiais produzidos e utilizados pelos seus alunos durante suas atividades.

As docentes fizeram alguns detalhamentos sobre os aspectos que fundamentam suas concepções teóricas e práticas pedagógicas, sendo que foi verificado que as duas manifestaram seguir a mesma corrente teórica, que carregam profundas características de intencionalidade, construção e direcionamento, principalmente no que tange ao desenvolvimento das crianças através da linguagem oral e escrita, sendo que as discussões que se desencadeavam das ricas experiências das professoras, mostraram que o fazer dessas docentes também estão ligados a suas convicções filosóficas e políticas além de pedagógicas.

Um dos pontos criticado pelas professoras foi a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que segundo elas, abordam em suas redações a questão referente ao desenvolvimento da linguagem e oralidade na educação Infantil de forma superficial e simplista sem proporcionar um efetivo direcionamento aos currículos e aos professores. As mesmas recordam que os Parâmetros Nacionais Curriculares (PCN) traziam em seu texto um direcionamento mais claro sobre o desenvolvimento dessas linguagens, porém a nova base não resolve determinados conflitos para esse fim, de acordo com as docentes. Por outro lado, as professoras “A” e “B” deixaram claro sua proximidade e aceitação à concepção histórico-cultural, a qual traz em sua perspectiva teórica – dentre outros aspectos – a valorização das construções sociais e culturais que cada aluno traz de suas vivências, buscando estreitar o relacionamento entre o ensino-



aprendizado escolar e o contexto que envolve as experiências individuais e coletivas de cada aluno.

Notou-se ainda um direcionamento contrário ao construído a partir dos pressupostos do autor Piaget, pois em suas falas as professoras expunham variados aspectos ligados ao pensamento desse autor, que ao tratar do comportamento das crianças, reforça que a relação delas com o mundo se estabelece essencialmente através da compreensão e identificação dos símbolos e objetos. As professoras expuseram no diálogo, profundas críticas à teoria construtivista, que apesar de ser uma teoria ainda muito utilizada por professores em inúmeras escolas, trazem em seu arcabouço teórico-metodológico elementos explicitamente questionados e repelidos por muitos educadores, como o esvaziamento curricular e o aprender sozinho, segundo colocaram as docentes.

Sobre esta discussão, importa ressaltar aqui a necessidade de ampliação de um questionamento direcionado ao professor ministrador da disciplina e mediador do diálogo que se desenvolveu entre as professoras e alunos da turma, questionamento este que emergiu pela inquietude dos alunos acerca das opulentas críticas realizadas pelas professoras da EA/UFPA ao construtivismo, teoria esta, que segundo relato das próprias professoras, ainda é presente e se estabelecem com muita força no desenvolvimento de crianças na Educação infantil, sendo que, ainda segundo as mesmas, a teoria apresenta alguns fundamentos que se julgam relevantes e necessários, porém elas apontam que há por parte de alguns educadores uma leitura equivocada dos pressupostos dessa teoria.

Todavia, o professor da disciplina, por hora mediador do diálogo, fez algumas considerações que, de fato, reforçaram o posicionamento das docentes, apontando algumas características fundamentais da teoria histórico-cultural – amplamente defendida pelas professoras –, onde mostrou que tais características, expressivamente necessárias na compreensão do desenvolvimento do aluno a partir de suas relações estabelecidas a partir de construções históricas e está baseada no pressuposto de que o sujeito por ser um ser histórico e cultural, assim, seu aprendizado e desenvolvimento são potencializados por sua imersão em uma experiência de coletividade (CEREZUELA; MORI, 2015). Essas considerações, portanto, não são inferidas na concepção construtivista, o que produz a divergência com a teoria Histórico Cultural, porém, embora sejam teorias divergentes, ambas tem uma enorme contribuição no que se refere ao desenvolvimento humano, havendo considerações positivas dentro de cada uma dessas correntes teóricas.

Dentre os pontos citados pelo professor sobre as duas teorias, convém destacarmos algumas no quadro 2, a seguir:



QUADRO 2 - ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE O CONSTRUTIVISMO E DA TEORIA HISTÓRICO CULTURAL

Destaque	Construtivismo	Histórico cultural	Análise
Em relação ao aprendizado	O sujeito é construtor do conhecimento a partir das interações com o ambiente.	O sujeito se apropria de processos históricos e culturais na construção do conhecimento.	A construção do conhecimento não se dá estritamente a partir das relações com objetos, mas também da interação e apropriação de diversos fatores nas relações construídas historicamente.
Em relação a BNCC	Possibilidade de utilização da BNCC como única ferramenta de referência para ensino.	Crítica acintosa à BNCC, pois a mesma não possibilita a utilização das diversas formas de ensino e não propõe a valorização de compreensão das relações produzidas historicamente.	É necessário desconstruir a ideia de padronização do ensino, e valorizar as construções históricas que permeiam nossa realidade cotidiana.
Sobre a corrente teórica	Piaget não tinha como finalidade a construção de uma teoria para a aprendizagem, mas sim uma perspectiva epistemológica/biológica de desenvolvimento.	Vygotski traz em sua teoria a intencionalidade na questão pedagógica, desenvolvendo pressupostos que balizam a construção do conhecimento de forma histórica e cultural.	Cada qual possui sua importância para os fundamentos no estudo do desenvolvimento e aprendizado da criança. No entanto, Vygotski traz uma discussão mais próxima da realidade social dos sujeitos.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Esses apontamentos sugerem a reflexão de que não basta somente a interação com o meio, mas há sim, uma profunda necessidade de experiências concretas com culturas e contextos que viabilizem o desenvolvimento do sujeito (CEREZUELA; MORI, 2015), ainda assim, convém considerar que por ser um fenômeno complexo, não há de se defender uma concepção absoluta de Educação, por isso, as variações das correntes teóricas são essenciais, haja vista que cada uma traz em seu cerne contribuições imprescindíveis para as reflexões pedagógicas de ensino.

Um ponto relevante que as professoras utilizaram para apresentar seus fazeres a partir dessas concepções teóricas, foi a relação de afetividade dos alunos com uma família de beija-flores que teceram seu ninho próximo a uma árvore no jardim da escola, que despencando do galho onde estava fixado, ficou bem ao alcance das crianças, que quando se depararam com o filhote cuja mãe se ausentou por alguns dias, resolveram fazer uma força tarefa para garantir as necessidades do pássaro, sendo que as crianças foram estimuladas pelas professoras a se



organizarem coletivamente, com funções distintas para que a saúde do pássaro e sua sobrevivência fosse garantida. A organização da fala e das palavras que davam significados as funções de cada criança foram rapidamente assimiladas por elas, que se mostraram felizes ao ver que a *mamãe beija-flor* voltara para buscar seu filhote ao terceiro dia e que o mesmo agora estava seguro.

A segunda exposição contou com a presença da professora “C” que já atuou na gestão pedagógica da escola privada e atualmente é Professora de uma Escola Pública localizada no município de Ananindeua, na região metropolitana – área urbana – da grande Belém (PA), e leciona em uma escola pública da periferia da cidade que atende crianças em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Segundo a Professora, as crianças da escola onde é lotada apresentam um contexto de vida cotidiano complexo, que, porém, reúne diversas especificidades de cunho social, econômico, familiar e psicológico dentre outros, sendo que tais situações reforçam a importância e necessidade do professor levar em conta todos esses fatores no momento da aplicação de sua prática pedagógica (CEREZUELA; MORI, 2015).

A professora busca trazer nas suas práticas docentes para o desenvolvimento da linguagem Oral e escrita das crianças, a utilização de instrumentos julgados essenciais para o aprendizado dos mesmos, como as rodas de conversa, contações e recontações de histórias, através das quais se proporciona aos alunos, que se apresentem aos colegas e se relacionem em sala.

Outro momento importante desta palestra desenvolvida em forma de roda de conversa foi a fala acerca do papel do professor na contribuição para o desenvolvimento da personalidade da criança, haja vista que desde seus primeiros anos de vida a criança recebe influências de instituições com a família, a escola, a igreja e de todos aqueles que fazem parte de suas vivências, tornando essa fase da infância, um momento muito importante no processo de formação da personalidade (CEREZUELA; MORI, 2015). Sobre isso, Silva et al (2016, n.p) afirma que:

O papel da escola e do educador na educação infantil é influenciar a formação e organização da conduta moral da criança para a construção de valores sociais e culturais, dos quais as crianças necessitam no decorrer de sua vida formando a sua personalidade.

Durante o desenvolvimento de suas aulas, a professora percebeu que ao trabalhar a musicalidade com seus alunos, houve por parte deles um profundo interesse por esse momento, reforçando assim a importância que há na utilização do segmento musical, como suporte



pedagógico para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita dos alunos, pois se utilizado de forma articulada à realidade e as necessidades dos alunos, juntamente com uma proposta lúdica onde façam parte a descontração, esse momento tende a incentivar a comunicação e a interatividade entre as crianças, o que articula o desenvolvimento dessas linguagens através da linguagem musical por intermédio da assimilação dos ritmos, tons, palavras, etc., provocados(as) pela música. (KAUFMAN apud CHAER; GUIMARÃES, 2012). No entanto, é importante ressaltar que a musicalidade deve ser um recurso manejado de maneira estratégica, com critérios bem estabelecidos e de fácil aprendizado, a fim de que os alunos tenham êxito nos objetivos traçados, conforme argumenta Chaer e Guimarães:

quando o professor trabalha a música com seus alunos, ele está estimulando a sensibilidade à entonação, ao ritmo, ao timbre e ao poder emocional da música. Mas está trabalhando também o texto oral, o vocabulário, a pronúncia das palavras. No entanto, em estratégias utilizando-se a música, a seleção é importante. Ter atenção à letra, melodia, harmonia, ritmo e que sejam de fácil acesso podem favorecer o trabalho. (CHAER; GUIMARÃES, 2012, p. 77).

Segundo a professora, há também o incentivo por parte da escola e dos professores à participação contínua das famílias na vida escolar e na formação dos alunos. Esse incentivo é feito através da realização de tarefas que os alunos recebem dos professores para fazer em casa, pois, a professora relatou que a escola exige a realização de atividades para fazer em casa no mínimo duas vezes por semana, sempre com o acompanhamento dos pais e monitoramento dos professores. Os pais também são convidados pela escola para participarem de programações escolares, datas comemorativas e outros, buscando sempre promover um ambiente apropriado para o aprendizado do aluno, considerando que para que se atinja esse fim é necessário o envolvimento da família nas ações do aluno e suas vivências na escola, como projeto de integração entre escola e família, na busca de um desenvolvimento saudável do aluno, além do estreitamento no relacionamento da comunidade escolar com os pais.

As brincadeiras são essenciais para o desenvolvimento da criança (DUARTE *et al*, 2017), por isso a professora destaca que a brincadeira de faz de conta também merece estar presente nas aulas, pois através deste recurso as crianças exercitam sobremaneira suas capacidades cognitivas. Ainda que seja de forma fictícia, estas atividades mentais acabam por retratarem aspectos da vida real dos alunos, reproduzindo momentos por intermédios de objetos e brinquedos que geram algum significado e aprendizado para eles, contudo, deve ser observada a importância na condução estratégica por parte do professor na utilização desse recurso. Neste contexto, para Vygotski:



O brincar cria uma zona de desenvolvimento proximal na criança, a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário; no brincar é como se ela fosse maior do que é na realidade. Como no foco de uma lente de aumento, o brincar contém todas as tendências do desenvolvimento sob forma condensada, sendo, ele mesmo, uma grande fonte de desenvolvimento. (VYGOTSKI, 1998 apud ISSLER, 2016, n.p).

Sobre as questões estruturais da escola, a professora assevera que há grandes embates de docentes junto à direção pela ampliação de recursos materiais a ser disponibilizada para os professores desenvolverem suas atividades de docência junto aos alunos, todavia, ela reconhece que a carência na disposição de recursos financeiros na maioria dessas escolas periféricas é vasta, e os que mais são prejudicados em decorrência dessa ausência de recursos materiais são os alunos, pois os mesmos reclamam do calor das salas – a escola não possui um sistema de ventilação ou climatização no ambiente das salas de aula –, goteiras – que segundo a professora são tão intensas que se assemelham a *cachoeiras* –, além de outros fatores existentes que prejudicam constantemente o fazer docente, o aprendizado e desenvolvimento dos alunos.

Outro ponto negativo relatado pela docente é a precariedade apresentada, quanto a disponibilidade de materiais didáticos por parte da escola, o que impulsiona a docente a uma tentativa de sanar a necessidade, fazendo com que a mesma tome medidas a fim de prover os materiais que estão em falta na escola, os quais têm seus custos arcados por ela própria, tudo para garantir o básico de recursos materiais para sua prática docente.

Com base na teoria vygotskiana a professora “C”, também trouxe suas experiências vividas em momentos distintos de sua trajetória como docente em outras escolas e ressalta a importância no cuidado de não trabalhar o desenvolvimento da linguagem oral e escrita com as crianças de forma restrita – somente no espaço da sala de aula –, devendo-se agregar às suas experiências todos os momentos de suas vivências, pois, a partir disso, percebe-se um potencial para o desenvolvimento da criança no que tange a apropriação dessas linguagens (SILVA *et al*, 2016), visto que são essas experiências individuais e coletivas da criança que contribui para sua formação, aprendizado e desenvolvimento, o que faz necessário que se utilize os mais variados espaços dos quais a escola dispõe, o que também contribui para não enfadar os alunos com atividades contínuas em sala de aula. A professora pontua ainda, sobre a necessidade da assimilação por parte dos educadores do conceito de meio social educativo, pois muitas vezes não percebemos este meio social como mecanismo de formação da identidade do indivíduo (CEREZUELA; MORI, 2015).

As interações e brincadeiras devem ser utilizadas pelos professores com ênfase no



aprendizado, produção, participação e desenvolvimento da criança, não somente por se tratar de uma diretriz curricular, mas sim por garantir aos alunos vivências e experimentações individuais e coletivas que possibilitem construções significativas, podendo ser proposta através de diferentes segmentos que contenham gêneros textuais e orais, onde o professor não se coloque como o ponto central do processo educativo, mas participe ativamente do processo de construção do conhecimento junto com o aluno, com a criança, não para a criança. Sobre isto Winnicott declara:

Incentiva a desenvolvermos a capacidade de brincar das crianças. Dado um ambiente bom e estável, as brincadeiras infantis, ricas em imaginação e percepção da realidade externa, revelam a capacidade das crianças em desenvolverem um modo de vida pessoal e construir-se como humanos integrais. As crianças que brincam juntas são capazes de criar detalhes ao brincarem e brincam por muito tempo, sem perderem o interesse. O autor entende que materiais e ideias podem ser fornecidos por adultos nas brincadeiras das crianças, com o intuito de enriquecê-las. Entretanto, sem excessos, pois as crianças gostam de criar e inovar em suas brincadeiras. (WINNICOTT, 1982 apud DUARTE *et al* 2017, p. 157).

A professora “C” trabalha na turma do maternal a ludicidade como parte fundamental das apropriações da criança dentro de seu meio, onde por vezes a criança acaba por criar e recriar significados de objetos, dando a eles um novo sentido como, por exemplo, quando a criança intenta dar uma nova função a um objeto – fazer caderno de telefone. Sobre isto, Fantacholi (2009) argumenta que:

a brincadeira é de fundamental importância para o desenvolvimento infantil na medida em que a criança pode transformar e produzir novos significados. Nas situações em que a criança é estimulada, é possível observar que rompe com a relação de subordinação ao objeto, atribuindo-lhe um novo significado, o que expressa seu caráter ativo, no curso de seu próprio desenvolvimento. (FANTACHOLI, 2009, n.p).

Importa ressaltar que as brincadeiras na Educação Infantil são extremamente necessárias (DUARTE *et al*, 2017), pois, impulsionam o desenvolvimento da oralidade e da escrita do aluno através das condições criadas pelo professor (CEREZUELA; MORI, 2015), no entanto, também é imprescindível que o professor atente ao comportamento apresentado pelas crianças durante essas brincadeiras, para desenvolver reflexões sobre seu fazer e sobre o resultado apresentado no desenvolvimento das crianças (SILVA *et al*, 2016), que se referem a apropriação da linguagem oral e escrita desses alunos, o que pode ser observado durante as brincadeiras.

Uma das ações comum entre todas as professoras palestrantes é a utilização da ferramenta conhecida como combinado, que é uma espécie de regras em que o aluno deve



cumprir, como: não bater, não morder, respeitar o colega e os professores, etc. Convém ressaltar que esta ferramenta também é uma modalidade de gênero textual, e que é frequentemente utilizada por professores com alunos da educação Infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos relatos das professoras e suas contribuições apresentadas através de suas palestras nas rodas de conversa, foi possível desenvolver algumas provocações com os alunos, que também contribuíram de forma dialética, com a construção de conclusões a partir de suas reflexões. As argumentações resultantes das inquietudes dos alunos do curso de pedagogia, frente as declarações feitas pelas docentes, ultrapassaram o tempo de apresentação e se estenderam para além da aula, mostrando que essa forma de discussão proporcionou resultados positivos para os alunos e para o ministrante da disciplina, visto a profundidade das análises teóricas desenvolvidas pelo docente da disciplina que por hora se manifestou precisamente em todos os momentos de suas explanações durante sua mediação. As colocações feitas pelas professoras da educação infantil, também possibilitou percebermos as profundas influências teóricas que envolvem suas práticas pedagógicas.

As diferentes formas de abordar os gêneros textuais mostradas pelas educadoras, que fogem do padrão habitual desenvolvidos na Educação Infantil, mostraram-se bastante significativas para os alunos do curso de pedagogia, segundo relato dos mesmos ao final de cada explanação, pois se percebeu que não basta somente a vontade de implementá-los às práticas de ensino, mas também torna-se necessário um efetivo esforço e dedicação do profissional de educação, que em muitos casos não possuem o mínimo de estrutura ou mesmo subsídios materiais para trabalhar outros segmentos textuais.

Concluimos reafirmando ser necessário fazer com que a criança compreenda o significado dos signos que identificam objetos, sentimentos e outras questões abstratas e que tudo o que falamos podemos também escrever, porém, importa considerar que o mundo do qual a criança faz parte deve estar presente no momento das apropriações desses signos e seus significados, pois os mesmos passam a representar sua realidade em todos os parâmetros. Como não se lembrar da família beija-flor nas aulas da professora “B”, que viabilizou aos seus alunos uma gama de aprendizados, os quais só foram possíveis a partir da interação desses alunos com o espaço e as realidades que se encontravam ali, na área de lazer da escola.

Ao utilizarmos a ludicidade aliada a instrumentos como cartas, historinhas, frases, nome, etc. tornamos a relação entre a fala e a escrita mais próxima e também mais atrativa para



alunos e alunas da educação infantil, sem fazer com que essa relação de apropriação de fala e escrita deixe de produzir um significado para a criança. Nesse contexto a escola possibilita ao aluno uma expressão mais formal do letramento, sem, no entanto, interferir naquilo que se faz significativo para a criança e suas experiências com o meio, que na criança é construído de forma natural, porém também se deve desenvolver nos sujeitos um ser crítico e reflexivo sobre sua realidade e isso se possibilita através de construções mais formais que a escola proporciona. Já para a alfabetização, notamos que há nesse processo, elementos que estão para além da escola, pois existem parâmetros sociais nos quais a criança encontra-se inserida, e esses parâmetros se traduzem em situações que contribuem diretamente para seu aprendizado mediante o ensino escolar, que precisa desenvolver o aluno até que o mesmo venha a alcançar sua autonomia a partir de um domínio efetivo na habilidade de ler e escrever.

Na educação infantil, as paredes das salas jamais podem ser o limite para o aprendizado da criança, para isso, o professor necessita ter um olhar crítico e reflexivo sobre todo o espaço que compreende a escola, e até mesmo fora dela. A natureza nos oportuniza uma série de elementos e contextos profundamente significativos para serem explorados pelas crianças e pelo professor para seus ensinamentos. O professor deve se propor a trabalhar estrategicamente nesses espaços com os alunos, instigando a curiosidade e desenvolvendo a partir disso, novos olhares nos alunos em relação à natureza e aos espaços extra-escolares.

Portanto, as visitas, excursões, oficinas, passeios, etc. contribuem sobremaneira para o interesse e motivação do aluno em aprender, por isso, é fundamental que os professores juntamente com a escola se mobilizem para assegurar a eles essas vivências. Por fim, classifico a realização desta rica experiência como algo profundamente relevante para minha formação, uma vez que me garantiu a oportunidade de detectar e analisar aspectos imprescindíveis nas práticas docentes, sem as quais, eu jamais poderia antecipadamente preparar-me para lidar. As inflamadas inquietações que me ladearam, fizeram-me conceber as variáveis históricas sob um novo prisma, sem ignorar as demais contribuições teóricas que planejaram nossas concepções sobre ensino-aprendizado e nortearam as discussões sobre a linguagem oral e escrita.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. L. C. V. O. Língua: modalidade oral/escrita. In: Universidade Estadual Paulista. **Caderno de formação: formação de professores didática geral**. v. 11. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. p. 50-67.

CEREZUELA, C; MORI, N. N. R. **A Educação Escolar e a Teoria Histórico-Cultural**,



Annais XII Congresso Nacional de Educação (EDUCERE), Paraná, 2015.

CHAER, Mirella Ribeiro; GUIMARÃES, Edite Da Glória Amorim. A importância da oralidade: educação infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental. **Pergaminho**, v. 3, p. 71-88, 2012.

DUARTE, Camila Tanure; ALVES, Fernando Donizete, SOMMERHALDER, Aline. Interações entre crianças em brincadeira na educação infantil: contribuições para a construção da identidade. **Nuances**, Presidente Prudente, v. 28, n. 2, p. 153-173, 2017. Disponível em: <https://www.ufjf.br/projetodeoralidade/files/2018/06/PP-A-import%C3%A2ncia-da-oralidade-EI-e-S%C3%A9ries-Iniciais-do-EF-CHAER-Mirella-Ribeiro.1.pdf>. Acesso em: 12 nov. 19.

FANTACHOLI, Fabiane das Neves. A importância do brincar na educação infantil. **Monografias Brasil Escola**, Goiânia, 2009. Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-importancia-brincar-na-educacao-infantil.htm>. Acesso em: 12 nov. 19.

ISSLER, Márcio. O brincar na educação infantil: brincar: reflexões teóricas e pedagógicas. **Anais III CONEDU**, v. 1, 2016, ISSN 2358-8829. Disponível em: https://editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD1_SA17_ID_8426_18082016125937.pdf. Acesso em: 13 nov. 19.

SILVA, Ana Maria Burgues da; BATISTA, Edleuza A. da Conceição; BEZERRA, Jussara dos Santos. Influência da educação infantil na formação da personalidade das crianças. **Concepções**, São Luis de França, p. 1-11, 2016. Disponível em: https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/Influencia_da_educacao_infantil_na_formacao_da_personalidade.pdf. Acesso em: 10/11/19.